

28.FEV.1979
DEP. LES.

«JESUS DE NAZARÉ NÃO TEVE DE "OPTAR PELA CLASSE OPERÁRIA", PORQUE ERA FILHO DE OPERÁRIO E FOI OPERÁRIO ELE MESMO».

Bispo do Porto

A Voz de Loulé



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

(Preço avulso: 5\$00) N.º 709
ANO XXVII 11/1/1979

Composição e Impressão
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes da Costa
Telef. 6 25 36 LOULÉ

Ano Internacional da Criança

— espera-se que deixe raízes fundas

Ainda há pouco dealbou o ano decorrente de 1979 fazendo-se logo acompanhar como é da praxe, de um largo sortido de augúrios e de interrogações. Que nos reservará 1979? Será bom ou será mau?

Para além dos desideratos e das dúvidas que todos nós formulamos ao dobrar a página do calendário para encher um novo período de 365 dias, 1979 nasceu sob a égide da Criança, sendo-lhe inteiramente dedicado.

Assim foi convenienciado solenemente na 31.ª sessão da Assembleia das Nações Unidas, realizada em 21 de Dezembro de 1976.

Estamos portanto chegados ao Ano Internacional da Criança, o qual pede mais do que um simples acesso de afeição.

FESTAS NATALÍCIAS DE CONFRATERNIZAÇÃO

O Natal é, por excelência, a época própria para a reconciliação entre os homens (mesmo daqueles que não querem nada com Deus) e portanto para fazer esquecer o ódio vingativo que das trevas infernais é triste abismo. E os portugueses têm que se afastar cada vez mais do triste abismo em que os quiseram lan-

(continua na pág. 2)

BRIGADEIRO LUÍS TEIXEIRA FERNANDES

Por escolha do Chefe de Estado Maior do Exército, foi recentemente nomeado 2.º Comandante da Região Militar de Lisboa, o nosso ilustre conterrâneo e prezado assinante e amigo sr. Briga-



deiro Luís Teixeira Fernandes, cuja brilhante carreira militar é testemunho da sua aplicação ao estudo e capacidade de trabalho.

O cargo que foi chamado a desempenhar mais não é do que o justo reconhecimento do seu mérito

(continua na pág. 7)

SUBSÍDIOS AOS AGRICULTORES PELA INTEMPÉRIES DE FEVEREIRO DE 1978

Em face à resolução do Conselho de Ministros, está já a Direcção Regional de Agricultura do Algarve, a distribuir as indemnizações aos agricultores pelos temporais de Fevereiro de 1978, que ascendem aos primeiros 30 por cento autorizados, e que contemplam mais de 350 agricultores de vários concelhos do Algarve.

Cabe ao Algarve, dentro das percentagens autorizadas e que as verbas orçamentadas compor-

(continua na pág. 7)

Quarteira sede de Concelho?

Promoção que não se pretende

Por força das circunstâncias e muito principalmente pela sua privilegiada situação geográfica, Quarteira foi impulsionada por um crescimento turístico que provocou uma explosiva construção de imóveis e originou uma acentuada evolução da classe piscatória, que se tornou ainda mais notória

devido à construção da magnífica Marina de Vilamoura.

Estas favoráveis circunstâncias impulsionaram, como não podia deixar de ser, o aparecimento de mais bares, cafés, restaurantes e toda uma variadíssima gama de novos e modernos estabelecimentos comerciais, de melhor nível e

Não há desemprego agrícola no Alentejo

Quem aparece a opôr-se às devoluções de terras é quem nunca trabalhou, são os novos latifundiários — as comissões directivas das UCP's, que exploram os trabalhadores que nelas trabalham, são em suma os membros do PCP.

Não há desemprego agrícola no Alentejo, como não o há no resto

do País. Façam um inquérito pelas aldeias e ouçam os agricultores e todo o Povo e saberão a verdade. Ouçam também os Centros de Emprego e verão se há algum trabalhador agrícola inscrito à procura de emprego.

O dito desemprego no Alentejo é propaganda política do PC e

(continua na pág. 6)

MAIS 8 ESTUDANTES LOULETANOS concluíram a sua formatura em medicina

Após um curso extremamente atribulado, que foi uma consequência da rebeldia que também assolou as nossas Faculdades du-

rante o PREC, concluíram este ano a sua formatura na Faculdade de Medicina de Lisboa cerca de 1 600 novos médicos, o que pode dar aos portugueses a esperança de que, num futuro próximo, algo irá melhorar no capítulo da saúde, sector onde as carências têm sido enormes e de gravíssimas consequências.

Por motivos dificilmente explicáveis, o curso de Medicina de 1978, foi dividido em 2 grupos, tendo o último concluído há dias a sua formatura, circunstância que serviu de pretexto para uma sessão solene dos 420 finalistas, realizada na aula magna da Reitoria da Universidade de Lisboa.

A cerimónia assistiram, entre outras individualidades, o secre-

(continua na pág. 2)

Assembleia Municipal de Loulé

Em carta devidamente identificada e assinada pelo 2.º Secretário, sr. Carlos Manuel Filipe Serôdio, recebemos da Assembleia Municipal de Loulé o Comunicado que abaixo inserimos e cuja publicação nos é pedida:

COMUNICADO

Tendo sido votada na Assembleia Municipal de Loulé, de

24/11/78, uma moção de desconfiança do Gabinete Técnico do Município, apresentada pelo Grupo de Representantes do PPD/PSD na A. M., que fez vencimento apesar dos votos contrários dos membros do Grupo P. S. e beneficiando da falta ocasional de grande parte dos membros

(continua na pág. 6)

NOVOS QUARTEIS DE BOMBEIROS ALGARVIOS

Com vistas a instalar-se em terreno já cativo para o efeito, situado na zona da antiga carreira de tiro, à ilharga do novo hospital regional, foi encomendado o projecto para o novo quartel dos Bombeiros Municipais de Faro.

O projecto a elaborar, deverá

(continua na pág. 7)

ALFARROBA ALGARVIA PARA A GRÃ-BRETANHA

No navio norueguês «Saralib», de Esbjerg, foram carregadas 600 toneladas de alfarroba algarvia triturada devidamente acondicionada em sacos, destinada a Exmouth (Devon — Grã-Bretanha).

O carregamento processou-se pelo porto de Vila Real de Santo

(continua na pág. 6)

O AUTOR DE CRIME REPUGNANTE CONDENADO EM 18 ANOS DE PRISÃO

Um ano depois da triste e revoltante ocorrência, foi lida há dias em Viseu a sentença para o «Crime do Fontelo», considerado em Tribunal como «chocante e repulente, denotando alto grau de requintada malvez e sadismo».

Oportunamente, «A Voz de Loulé» deu a notícia deste miserável assassinato e hoje voltamos a falar desta tristíssima ocorrência porque o crime foi perpetrado contra a pessoa do sr. José An-

tónio Andrade Madeira, filho muito querido do nosso conterrâneo, prezado amigo e dedicado assinante sr. Joaquim Faustino Madeira, funcionário da Direcção de Urbanização de Viseu e da sr.ª D. Mariana Andrade Madeira, natural daquela cidade.

Sabemos que este nefando crime despertou a mais viva indignação e repulsa em quantos dele tiveram conhecimento, pois

(continua na pág. 2)

Injustificável desmazelo em Quarteira

(LER NA PÁG. 4)

FESTAS NATALÍCIAS DE CONFRATERNIZAÇÃO

(continuação da pág. 1)
 çar. Portanto, temos é que dar as mãos e unir-nos num esforço enorme para nos reconciliarmos e vivermos fraternalmente como irmãos que somos daquela raça lusitana que já deu lições ao mundo quando andou «por mares nunca dantes navegados» e cujos caminhos estão agora a ser muito bem aproveitados por outros que nada fizeram para disfrutar dos frutos que os portugueses tão heroicamente semearam ao longo de séculos.

É portanto, com íntima satisfação, que notamos uma evidente academia entre amizades desavindas, mais fraternais abraços entre pessoas que deixaram de se poder olhar, entre homens cuja vida em comum era uma constante irritabilidade.

Finalmente, a confraternização vai sendo possível, após uma sementeira de ódios e violências que percorreram o País de Iés-a-lés. No meio de tanta confusão nem todos se desentenderam afinal.

Tenhamos fé, porque a fé constrói enquanto o ódio só serve para destruir.

E as Festas de Natal que se organizaram por todo o País são claro sintoma que as pessoas se vão compenetrando de que devem procurar compreender-se e amar-se em vez de se guerrearem em proveito de interesses daqueles que se querem governar à custa dos mais pequenos.

O Natal é, por primazia, a Festa da Família e portanto uma época do ano em que, todos os que podem fazê-lo, procuram juntar-se com os seus familiares em saudável amplexo de felicidade e confraternização, mas é também agradável saber que o Natal é aproveitado por muitas empresas para juntar os seus empregados

em saudável e útil ambiente de confraternização para melhor se conhecerem e estimarem.

Das muitas festas que certamente se fizeram deste tipo por todo o Algarve, podemos fazer uma referência especial a uma em que estivemos presentes e que foi promovida pela Empresa de Vale do Lobo e que foi particularmente dedicada a todos os empregados da empresa e seus familiares, com carinhosa atenção para os seus filhos, a quem foi proporcionado um divertidíssimo espectáculo de palhaços, danças folclóricas e larga distribuição de brinquedos.

A alegria das crianças era visivelmente contagiante, transmitindo a seus pais a felicidade que se via estampada nos seus rostos de cândida inocência. Elas viram um Pai Natal em pessoa a entregar-lhes brinquedos, guloseimas, carinhos e a distribuir-lhes gestos de ternura e amizade, numa estonteante rodaviva de euforia e divertida festa.

Vale do Lobo voltou assim a festejar em ambiente de sadia confraternização a Festa do Natal, graças ao espírito empreendedor do cidadão holandês sr. Sander van Gelder, que assumiu a pesada responsabilidade de relançar aquele mimoso cantinho do Algarve nos promissores caminhos de um turismo de que os algarvios muito podem beneficiar ainda.

E já que falámos em «pesada responsabilidade» não fica nada despropositado dizer que esta empresa viu o seu quadro de pessoal aumentado em cerca de 300 pessoas no espaço de um ano, o que talvez seja caso quase único em Portugal durante 1978, ficando com cerca de 600 empregados, o que implica uma responsabilidade salarial de mais 6 000 contos mensais.

Chegou ao nosso conhecimento que também ali, bem perto e portanto englobado na maravilhosa e luxuriante zona de Vale do Lobo, houve igualmente festa riça para a mudança, ocorrida uns dias antes. E isto porque, apesar de todo o revolucionarismo ocorrido no Hotel D. Filipe, nos últimos anos, a Direcção desta prestigiada unidade hoteleira decidiu juntar todos os seus empregados num grande amplexo de confraternização para fazer esquecer os dias tristes e as horas amargamente vividas e mostrar a todos que não há ressentimentos de rancor, nem ténue espírito de mágoas lembranças e que é necessário fazer voltar o espírito de salutar união de esforços de todos os que, por dever profissional, devem contribuir para prestigiar a organização que servem, e através dela servirem o próprio turismo regional e nacional.

Estão, pois, de parabéns a Direcção do Hotel D. Filipe pelo as-

sinável êxito da sua tocante iniciativa que calou bem fundo nos corações de quantos participaram nessa simpática festa (especialmente as crianças) e também todos os trabalhadores, tanto aqueles cuja honestidade e espírito de justiça se evidenciou nas horas mais difíceis, como aqueles outros que se deixaram manipular por interesses que não os seus e que já viram (ou não de ver ainda) a grandeza dos erros cometidos irreflexivamente.

É de inteira justiça enaltecer o espírito de iniciativa e dinamismo evidenciados pela Comissão de Trabalhadores do Hotel D. Filipe, cuja preciosa colaboração muito contribuiu para um êxito de uma festa inédita naquela unidade hoteleira e que aclarou muitos espíritos acerca do valor da solidariedade humana e da boa amizade que convém exista entre os que devem formar bloco uno quando está em causa o bem estar e a

(continua na pág. 8)

Mais 8 estudantes louletanos concluíram

a sua formatura em medicina

(continuação da pág. 1)

tário de Estado do Ensino Superior e os chefes dos Estados-Maiores do Exército e da Força Aérea.

Os estudantes em causa estiveram sem aulas durante praticamente todo o ano de 1976 (11 meses) devido a um conflito que os opôs ao Ministério dos Assuntos Sociais e também à superlotação de alunos que se verificava no hospital de Santa Maria, então o único estabelecimento a funcionar como hospital escolar.

O problema acabou por ser resolvido com a criação de uma nova Faculdade de Medicina (o que foi, afinal, um benefício para o País) tendo sido depois proporcionadas condições para a recuperação de um ano ingloriamente perdido.

Apesar dos obstáculos que se levantaram no caminho da sua formatura, os alunos conseguiram fazer o 5.º e o 6.º anos em 14 meses consecutivos, acabando assim por alcançarem a almejada meta.

Chegou ao nosso conhecimento que, dos alunos de medicina que concluíram a sua formatura em Medicina, 8 são louletanos, o que deve ser motivo de júbilo para quantos se prezam a elevação do nível de cultura dos nossos jovens.

Trata-se de um caso único e que naturalmente merece uma referência especial e a publicação dos respectivos nomes no jornal local, até porque todos os novos médicos são já pessoas bastante conhecidas em Loulé: Dr.ª Fernanda Guerreiro Laginha Ramos, filha do nosso saudoso amigo Fernando Laginha Ramos e da sr.ª D. Maria dos Anjos da Silva Guerreiro Laginha.

— Dr.ª Maria Regina Viegas Neves, filha do conceituado comerciante da nossa praça sr. Joaquim Mestre Neves e da sr.ª D. Silvina Faísca Viegas Neves.

— Dr. Sebastião Francisco Seruca Emídio, filho do nosso conterrâneo e prezado amigo sr. João Emídio Guerra e da sr.ª D. Maria Valentina da Costa Seruca.

— Dr. Francisco Manuel Farrajota Leal, filho do conceituado comerciante da nossa praça sr. Francisco Leal Farrajota e da sr.ª D. Maria da Piedade Farrajota Martins.

Dr.ª Nidia Maria Esteves Melenas, filha do considerado comerciante da nossa praça sr. José Maria Carapeto Melenas e da sr.ª D. Maria de Lourdes Valério Esteves.

— Dr.ª Isabel Maria Gonçalves Viegas, filha do acreditado comerciante da nossa praça e nosso velho amigo e assinante sr. José dos Ramos Viegas e da sr.ª D. Maria Pereira Gonçalves Viegas.

— Dr.ª Maria Dulce Duarte da Piedade Barros, filha do director deste jornal e de sua mulher.

É natural que, no ano de 1978, mais conterrâneos nossos tenham concluído as suas formaturas em medicina ou noutros cursos superiores e que não sejam do nosso conhecimento (em especial nas freguesias rurais) e por isso apenas nos podemos referir a mais 2 novos licenciados de que tivemos conhecimento:

— Eng.ª Electrotécnica Isabel Maria Rodrigues Laginha Ramos, filha do nosso velho amigo e dedicado assinante sr. António Laginha Ramos, sócio-gerente da firma Motolux, Lda. e da sr.ª D. Maria Rodrigues Laginha Ramos.

Dr. Olímpio Manuel Olival Guerreiro, natural de Vale Formoso (Almansil) filho do sr. Joaquim Assis Guerreiro (falecido) e da sr.ª D. Maria Guerreiro Olival.

Aos novos licenciados e a seus pais endereçamos os nossos parabéns e formulamos votos por que prestigiem a profissão que escolheram e que o futuro lhes seja promissor.

CASA

Vende-se, uma casa com 5 divisões, casa de banho, cisterna. Logradouro com árvores de fruta. Junto à estrada Loulé-S. Brás (a 1 Km da Estação da E.D.P.).

Tratar na Av. José da Costa Mealha, 162-1.º, Esq. LOULÉ.

(4-4)

Condenado em 18 anos de prisão o autor de crime repugnante

(continuação da pág. 1)

a vítima era um jovem de 22 anos, muito estimado, filho de conceituada família e foi barbaramente assassinado por 14 facadas espalhadas pela cabeça e resto do corpo, sendo claramente evidente que o móbil do crime foi o roubo pois o criminoso apoderou-se de 1 990 francos que a vítima possuía e com os quais pretendia fazer uma viagem à França, facto que era do conhecimento do criminoso pois ambos eram amigos e no dia do crime foram jantar fora, com prévio conhecimento dos pais do José António, os quais admitem que o assassino pensasse que seria mais volumoso o dinheiro que o filho teria para empreender a projectada viagem.

Consumado o crime, foi o próprio assassino que, nessa mesma noite se deslocou a casa dos pais do José António para perguntar por notícias do filho. Pode-se imaginar a aflição dos desolados pais durante uma noite sem dormir e nos dias que se lhe seguiram sem quaisquer notícias.

O criminoso teve o cuidado de atirar o cadáver do seu amigo para o fundo dum poço bastante escondido, mas ignorava que o sr. Joaquim Madeira tinha reco-

memorado o filho para espalhar dinheiro e documentos por várias aldeias já pensando num possível roubo durante a longa viagem. Se não fora esta ocasional circunstância, possivelmente nunca o criminoso seria descoberto, pois que, apesar de se tratar de um lugar ermo, aconteceu simplesmente que um agente da P. S. P. passou por acaso junto do poço e ficou alertado com documentos que estavam caídos, comunicando imediatamente o facto ao Sr. Faustino Madeira.

Tomadas as primeiras providências e apurada a requintada malvez de tão nefando crime, os pais do assassinado recusaram aceitar as primeiras versões da autoridade de que o criminoso teria sido o próprio amigo do filho e por isso se recusaram mandar prendê-lo para apurar responsabilidades.

Após longas investigações, que demoraram um ano, ficou claramente comprovado que a versão inicial estava certa e por isso, o Tribunal de Viseu, pela voz do presidente, corregedor Dr. Abílio Valverde, depois de uma longa, judiciosa, eloquente e humana apreciação dos trágicos factos em que havia muitas atenuantes e agravantes, comprovados por numerosos depoimentos ditou o seguinte acórdão:

«Em cúmulo jurídico condenase o réu na pena única de 18 anos e um mês de prisão, maior e ainda se condena ao pagamento de dois contos e duzentos de imposto de justiça, custas legais de procuradoria a favor do Serviço Social do Ministério da Justiça, bem como a uma indemnização de 200 contos aos pais da vítima».

Deste triste acontecimento, que mereceu as atenções da imprensa do norte respigamos a seguinte passagem publicada no «Comércio do Porto» e em correspondência de Viseu:

«Nunca se viu até hoje no tribunal de Viseu (excepto no crime da poça das feiteiras), uma luta como a que se travou ontem, à porta da sala das audiências para uma multidão ululante assistir à leitura da pena aplicada ao autor do célebre crime do Fontelo, julgamento que este jornal tem relatado com o devido destaque. Empurrões, murros, gritos de histeria, desmaios, tudo vimos e ouvimos com vergonha naquela balbúrdia inenarrável, quando às 17 horas em ponto o oficial de diligências escancarou a porta da sala».

O deprimente espectáculo que todos viram mais não foi do que uma mórbida manifestação de curiosidade e ódio. Porém, depressa passou a crise de loucura, pois um eficaz policiamento soube, com firmeza e energia, impôr a ordem».

(2-1)

FARMACÊUTICO

OFERECE-SE — ALGARVE

Longa prática direcção técnica. Tempo completo/parcial ou condições a combinar. Resposta a este jornal ao n.º 38.

ARMAZÉM

Vende-se, no centro da vila, com chave na mão. Tem 80/90 m2.

Tratar pelo telefone 62515 — Aníbal Madeira.

PADARIA

— MODERNA —

Vende-se situada num dos principais centros turísticos do Algarve.

J. Marreiros Rita — Cx. Postal 21 — FARO.

Lutadores anti-fascistas e outros

Há vários lutadores: anti-fascistas, anti-terroristas, de luta greco-romana, etc. Uma coisa é certa: após a luta vem o cansaço.

Para vencer o cansaço, durma num colchão EPEDA ou Delta Loc, ambos com garantia «Spring Springmark».

Adquira-os na CASA SIMÃO, na Av. Marçal Pacheco.

(10-7)

MOBÍLIAS — MOBÍLIAS

MOBÍLIAS DE ALTA QUALIDADE A BAIXO PREÇO

Grande stock de móveis em todos os estilos, lustres, candeeiros e alcatifas

CASA SIMÃO

A MOBILADORA

ANTÓNIO SIMÃO VIEGAS, LDA. — Telef. 62110

Exposição e Venda:

Av. Marçal Pacheco, 34 e 33 a 51

Salão de Exposição:

Praça da República, 8

Depósitos:

R. General Humberto Delgado e na R. Manuel Guerreiro Pereira em Loulé.

(10-2)

1978 - 1979

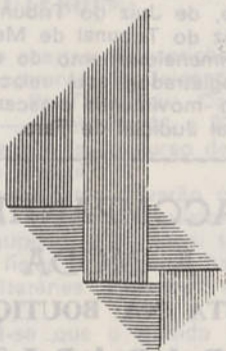
Em 365 dias, concretizamos o nosso programa de implantação como Banco dinâmico e eficiente. No país e no estrangeiro.

Estendemos a nossa acção a novas áreas.
Estimulamos e incrementamos actividades produtivas.
Criamos os processos que melhor permitam
decisões rápidas e uma correcta aplicação das
políticas de crédito.

Em mais de 100 balcões, em todo o país, damos
resposta a qualquer problema ou consulta financeira
E não só em Portugal.

Os nossos Escritórios no estrangeiro colaboram
activamente com o Comércio e a Indústria, facilitando as suas relações nos mercados internacionais.
Os portugueses que trabalham fora do País encontram em nós um apoio amigo e constante.
Somos um Banco voltado para as realidades do momento. Temos um plano de expansão ao serviço da economia nacional.

Vamos cumprir.



UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

conte connosco

INJUSTIFICÁVEL DESMAZELO EM QUARTEIRA

Condenadas por uns e perante a indiferença da maioria, durante o Verão de 1978 proliferaram em Quarteira um número incrível de barracas e barracuinhas dispostas a saciar a fome e a sede dos milhares de frequentadores daquela praia. Como é evidente, nenhuma dessas barracuinhas dispunha de um mínimo de condições higiénicas quanto a despejos e também não tinham água corrente. Algumas tinham tão mau aspecto que apenas serviram para desprestígio duma região que se quer virada ao turismo.

Poderá alegar-se que os preços das refeições nos restaurantes são tão elevados que aquelas barracas serviram principalmente para as classes menos abastadas e que também essas têm o direito a um lugar ao sol. Está certo. Mas a verdade é que pelo facto (triste) de um indivíduo ser pobre não está isento de cuidar da limpeza com aquele mínimo de cuidados que são inerentes à condição humana.

De qualquer maneira, o que é certo é que aquela incrível proliferação de barracas com aspecto tão pobre não serve o turismo e é também um sintoma da anarquia em que ultimamente temos vivido.

O testemunho desta nossa crítica está ainda evidente no incrível desleixo a que foram votados os «restos mortais» dessas incriveis barracas: madeiras e paus partidos, grades de cervejas e efrescos abandonadas, montes de garrafas atiradas pela areia e, o que é ainda mais revoltante, é que dezenas dessas garrafas estão partidas com milhares de fragmentos de vidros semi-enterrados na areia e outros já cobertos pelo vento...

Isto prova à saciedade que o dono daquela barraca apenas se preocupou com o negócio que fez e depois esteve-se nas tintas para o resto: quem vier atrás que apanhe os vidros.

É evidente que isto não pode continuar a ser assim, porque a praia é um lugar onde, pratica-

mente, todas as pessoas andam descalças e não podem estar sujeitas à incúria de um indivíduo que não evitou que milhares de partículas de vidros se enterrassem na areia.

Se as autoridades entenderem que, futuramente, aquelas barracas podem ser autorizadas, que ao menos imponham condições de aspecto decente, com um mínimo de higiene e com a implícita responsabilidade de o local ficar tão asseado como estava.

De contrário ninguém conseguirá compreender porque razão se permite tanta e tão injustificável liberalização na autorização do funcionamento de tascas em tão incriveis condições de higiene e se proíbe drasticamente que os melhores restaurantes de Quarteira possam fazer grelhados junto da Avenida Marginal nas condições de salubridade que é possível...

É uma situação verdadeiramente paradoxal que intrigou muita gente...

xxxx

Como não acreditamos que o ex-dono da ex-barraca de Quarteira a que nos estamos referindo se disponha a apanhar os vidros que permitiu ficarem espalhados pela praia, ocorre-nos chamar para o caso a atenção da Comissão Regional de Turismo do Algarve no sentido de providenciar para que a máquina de limpeza de praias que comprou seja estreada naquele local, pois duvidamos que em alguma praia do Algarve seja mais urgente a utilização de uma máquina própria para peneirar a areia das praias.

Se não estivessemos estado no próprio local nem acreditávamos como é possível desmantelar uma barraca numa praia e deixar espalhado pela areia tão perigoso lixo.

E isto é extremamente mau para os próprios, pois duvidamos muito que o autor daquele «trabalho» seja de novo autorizado a «armar barraca» em Quarteira.

E o mesmo poderá acontecer nas zonas de pinheiros se as pessoas continuarem a convencer-se que têm direito de comer as refeições ao ar livre e deixar em cada pinheiro uma estrumeira.

Aliás já vimos zonas do nosso concelho onde é proibido acampar e merendar exactamente porque os proprietários desses terrenos não sentem a obrigação de limpar a porcária que os outros fazem... só para não se darem ao incómodo de levar o seu lixo para casa e deitá-lo no recipiente próprio.

As pessoas depois acabam por ser as primeiras vítimas da sua própria incúria, além de testemunharem publicamente uma total ausência de civismo.

Veja-se o que ocorreu há pouco na Caparica, de onde os Escuteiros ajudaram a retirar 24 toneladas de lixo!

24 toneladas espalhadas pelas areias não são 24 quilos!

ALGARVE

CENÁRIO

DE FILME FRANCÊS

O Algarve foi escolhido para pano de fundo de um filme francês de grande metragem, «Les Morts de Marat», cuja acção decorreu na povoação piscatória de Cabanas de Tavira e noutros locais tais como Faro, Tavira, Sagres e Cacela.

A produção cinematográfica foi realizada por Pierre Kast e demorou cerca de 5 semanas.

O elenco dos principais intérpretes foi constituído por Audran, Briatrice Brun, Pierre Vaneck, Françoise Prevost, estes de nacionalidade francesa e pelos portugueses Sérgio Godinho, Rogério Paulo, Rita Pavão, José Fonseca e Costa, António Vaz Silva, além de 200 figurantes.

Quatro novos magistrados em Faro

Para ocupação do lugar em aberto do 2.º Juízo da Câmara de Faro, instalado pela Portaria 641/78, de 26 de Outubro, espera-se para breve a nomeação do respectivo Juiz de Direito.

Posteriormente outras nomeações se seguirão visando o preenchimento dos lugares de Juiz de Circuito, de Juiz do Tribunal e o de Juiz do Tribunal de Menores.

O dimensionamento do quadro de magistrados está relacionado com o movimento crescente do Tribunal Judicial de Faro.

ACOMPANHE A MODA

VISTA NA BOUTIQUE

PARADIS

AS ÚLTIMAS NOVIDADES DE PARIS

Em anexo:
Salão de cabeleireira
Perfumaria
Artigos decorativos

★

Gerência de
Maria Aura Rosa Martinho

★

Avenida José da Costa
Mealha, 115
Telef. 62924 — LOULÉ

NOTÍCIAS PESSOAIS

PARTIDAS E CHEGADAS

Em gozo de férias, encontra-se a passar uma temporada em Loulé o nosso conterrâneo, prezado amigo e assinante nos Estados Unidos, sr. Sebastião António Correia.

CASAMENTOS

Na Igreja de S. Lourenço de Almansil, realizou-se no passado dia 23 de Dezembro o enlace matrimonial da nossa conterrânea sr. D. Alda Maria Faria Guerreiro, filha do nosso prezado amigo e dedicado assinante sr. Manuel Pereira Guerreiro, proprietário, e da sr. D. Idalina da Conceição Faria, com o sr. Dr. António José Pires Brito da Cruz, filho do sr. Dr. António Francisco da Cruz e da sr. D. Catarina de Sousa Pires Brito da Cruz.

Apadrinharam o acto por parte da noiva o sr. José Farias Vieira e a sr. D. Maria Farias da Conceição e por parte do noivo o sr. Eng.º Luís Custódio Pires Brito da Cruz e a sr. D. Maria de Fátima Pais de Sousa Freitas.

Os noivos fixaram residência em Cacém — Lisboa.

Realizou-se no passado dia 30 de Dezembro na Igreja Matriz em Loulé, o enlace matrimonial do sr. Carlos Alberto Pires Pinguinha, filho dos nossos conterrâneos, residentes na Austrália, sr. Simplicio José Pinguinha e da sr. D. Francisca Dionísio Pires com a sr. D. Maria Irene Pinguinha Correia, filha do sr. Isidoro Correia (falecido) e da sr. D. Fernanda Pinguinha Pintassilgo.

Depois da cerimónia foi servido um copo de água em casa dos pais do noivo.

O jovem casal fixa residência na Austrália.

Realizou-se recentemente o enlace matrimonial da sr. D. Maria

Helena Monteiro Lopes Belchior, filha da sr. D. Maria Helena Seita Reis Monteiro Belchior, e do sr. eng.º Joaquim Lopes Belchior, Presidente da Câmara Municipal de Faro, com o sr. Luís Filipe Alves Afonso, filho da sr. D. Maria da Glória Alves Afonso e do sr. Abílio Afonso (falecido). Testemunharam o acto as sr. D. Maria Augusta Barros Madeira e D. Maria Eduarda Bagarrão. Findo o acto foi servido aos convidados um banquete no Hotel Quarteirasol.

Aos novos casais endereçamos os nossos parabéns com votos de feliz vida conjugal.

FOGÕES A LENHA OLIVEIRINHA

Com fogões eh maltados com 93x66 cms. ao preço de 7 950\$00 não há frio em casa. Economia total. Adquirir um fogão na firma **LUAUTO, LDA**, na Av. José da Costa Mealha, 37 em LOULÉ (frente ao cinema).

(2-2)

LUIZ PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia,

n.º 31 — Tel. 62406

LOULÉ

ASSISTÊNCIA ORTOPÉDICA

«Cintafina»

Cintas para doentes da Coluna vertebral

Intestinos e estômago e herniados

Medidas e provas no dia 20 de Janeiro em Loulé nas Farmácias Chagas e Madeira

VENDE-SE

Apartamento vago, c/ 4 assoalhadas. Vende-se.

Preço a combinar.

Tratar com o próprio. Nesta redacção se informa.

(3-1)

TERRENOS

ALGARVE

QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/ CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS E LOCALIZAÇÕES.

COMPRA E VENDE: JOSÉ VIEGAS BOTA — R. SERPA PINTO, 9 — TELEF. 62634 — LOULÉ.

A TÉCNICA ESTÁ AO SERVIÇO DA AGRICULTURA PARA A TORNAR MAIS RENTÁVEL

Por isso os agricultores devem contactar com os técnicos da LUSOVEMA para melhor se aconselharem a resolver os seus problemas de águas.

Temos: Grupos electrobombas de alta e média pressão, bombas elevatórias para construção civil, submersas, verticais e horizontais e também novidades em aparelhagem para captação e tratamento de águas. Material eléctrico.

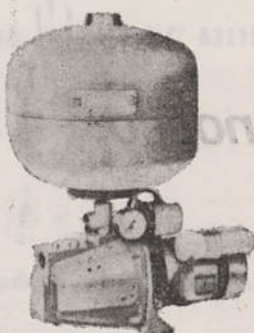


Faça uma visita às instalações da

LUSOVEMA

Av. Marçal Pacheco
Telef. 62233
(Urbanização Sul)

LOULÉ



Conclusões do Encontro de Organizações da Lavoura do Algarve

Com a presença de várias organizações da lavoura, realizou-se no dia 16 de Dezembro de 1978 um encontro na Mexilhoeira Grande onde se tiraram as seguintes conclusões:

1 — Extinção dos ex-Grêmios da Lavoura

Considerou-se inadmissível a situação existente nos ex-Grêmios da Lavoura do Algarve.

A extinção é considerada como urgente, salvaguardando todos os postos de trabalho.

2 — Assistência Social

Os agricultores têm que ser integrados no regime geral de Previdência.

3 — Seguro Agrícola

Sejam criadas para a agricultura as mesmas condições que para os outros sectores.

Exigimos seguro de colheita, pecuário e florestal.

4 — Assistência Técnica e Formação Profissional

Foi opinião geral que a assistência técnica continua a ser extremamente precária.

Considera-se injustificável um dispêndio tão elevado do erário público para tão baixa produtividade.

Quanto à formação profissional, verifica-se uma pequena melhoria, embora considerásemos insuficiente e apenas localizada no litoral algarvio.

Exigimos uma prática correcta na extensão rural.

5 — Comercialização

No respeitante aos factores de produção, consideramos ter existido aumentos, por vezes insuportáveis para a agricultura.

Quanto à venda do produto acabado, considerou-se existir uma rede comercial bastante deficiente.

Consideramos injustas as tabelas de preço máximo impostas pelo Governo, quando não garante um preço mínimo ao produtor.

Torna-se urgente o fomento de indústrias agrícolas para um integral aproveitamento dos produtos hortofrutícolas e pecuário.

Exigimos um apoio por parte dos Serviços do Estado ao fomento da exportação.

6 — Cooperativismo

Considera-se existir uma grande falta de apoio às Cooperativas e associações já existentes assim como a falta de fomento à criação das mesmas.

7 — Associações de Rega

Considerou-se que os agricultores ficarão seriamente prejudicados caso deixe de haver a intervenção do Estado a 100% nas obras de rega, nomeadamente Silves e Alvor.

8 — Crédito

Embora existindo linhas de crédito para a lavoura, estas tornam-se difíceis de se obter dada a grande burocracia e pouca divulgação das mesmas junto dos pequenos e médios agricultores.

9 — Infra-Estruturas

Embora nestes últimos anos se tenha verificado um aumento substancial na rede de estradas rurais,

electrificação e água às populações, considera-se ainda muito aquém das necessidades do Distrito.

Considera-se urgente a instalação de uma rede de frio no Algarve.

10 — Concelho Regional de Agricultura

As organizações presentes repudiaram a actuação presente da Direcção Regional de Agricultura do Algarve, dado não cumprir com o estabelecido.

A COMISSÃO ORGANIZADORA
Associação de Agricultores do Algarve «AGRIAL»
Liga de Pequenos Agricultores de Silves
Cooperativa Agrícola do Concelho de Portimão
Casa do Povo de Portimão

ACTIVIDADES DESPORTIVAS

● BASQUETEBOL

Com a participação de algumas dezenas de jovens de diversos núcleos e numa organização da Delegação Regional, da Direcção Geral de Desportos, realizou-se no passado dia 30 de Dezembro de 1978, no Pavilhão Gimnodesportivo da Escola Secundária de Loulé, um «Convívio de Fim-de-Ano de minibasket» (feminino).

● LUTAS AMADORAS

Organizado pela Delegação Regional de Faro da D. G. D., realizou-se no passado dia 31 de Dezembro, no Pavilhão Gimnodesportivo da Casa do Povo de S. Bartolomeu de Messines, um «Convívio de Zona» (Barlavento), na modalidade de Lutas Amadoras, que contou com uma participação de 56 jovens lutadores dos núcleos de Chão das Donas, Ferragudo, Silves e S. Bartolomeu de Messines.

● VOLEIBOL

Numa organização conjunta Delegação Regional de Faro da Di-

recção Geral dos Desportos/Pró-Associação de Voleibol de Faro, realizou-se no passado dia 30/12/78, no Pavilhão Gimnodesportivo de Faro, o «Dia do Voleibol» que movimentou um total de 118 atletas.

TORNEIO ABERTO DE VOLEIBOL

Na sequência da sua actividade, está a Delegação do INATEL em Faro a preparar a realização do seu III Torneio Aberto de Voleibol.

Neste certame, em que poderão participar equipas (homens ou senhoras) constituídas por trabalhadores (Grupo A) e equipas de trabalhadores (homens, senhoras ou mistas) sendo admissível a inclusão de 50% de estudantes e um jogador federado (Grupo B), as idades dos participantes vão dos 15 anos para diante sem limitações.

O prazo das inscrições encerra a 20 do corrente.

Os fins em vista são os de promover a prática salutar do desporto sob o lema do convívio social.

CURSOS DE ÁRBITROS DE FUTEBOL

Estão abertas as inscrições, até 15 do corrente, na Delegação de Faro do INATEL (Trav. Castilho, 35-2.º — Telef. 24 148 e 23 121) para frequência do curso de árbitros de futebol.

Os candidatos deverão obedecer aos seguintes requisitos: ter idade superior a 18 anos, ter robustez física e ter como habilitações literárias mínimas a 4.ª classe.

Prevê-se que o aludido curso decorra em Faro em dias a indicar, de acordo com as possibilidades dos inscritos.

Luta contra a violência no desporto

Por iniciativa do Ministro Belga da Cultura Flamengo, madame Rickard de Backer, foi recentemente criada a Assembleia Europeia para a Luta Contra a Violência no Desporto.

Portugal foi convidado a fazer parte dessa Associação na pessoa do sr. tenente-coronel Rudolfo Begonha, Secretário de Estado da Juventude e Desportos, no sentido de presidir a um dos seus grupos de trabalho.

«DIALOGO ENTRE CÃES VADIOS»

Por altura das minhas férias deste ano, precisei de deslocar-me a Loulé, às sete horas da manhã. Depois de resolver o que me levou a Loulé àquela hora matutina, fiquei um bocado a observar os cães vadios, que na realidade, eram mais que as pessoas.

Passavam uns atrás dos outros, a fazer o seu chichi nos portais dos prédios, nos veículos estacionados, etc... e eis que dois se encontram e diz um para o outro:

— Olá amigo!, por aqui tão cedo? — Sim, nós os cães vadios, temos que madrugar para ver se encontramos algum osso e sabel, há sempre quem tenha dó de nós e atire uns saquinhos para um lugar que sei, com uns restos que lhes sobram, e que nos faz muito jeito.

— Essa de atirar com o lixo pela janela fora, não é de gente civilizada! E depois criticam-nos a nós por fazermos o chichi nas portas e paredes dos prédios. Por falar de chichi, vou contar-lhe um caso que se passou comigo. Há dias, num dos meus passeios habituais, precisei de fazer o meu chichi. Levantei a perna e fiz para o que me pareceu ser um candeeiro de iluminação pública e só quando levei um pontapé é que vi que era um homem. Mas olhe que também não esperei mais e fechei-lhe uma dentada. Sim porque nós também não somos nem umas bolas de papéis. Ah!, agora por falar de papéis lembrei-me de uma conversa que ouvi entre dois senhores que pareciam ser turistas. Dizia um:

«Estas ruas de Loulé, são uma vergonha, carros estacionados atravessados nos passeios, que os peões para passarem, têm que an-

dar aos ziguezagues e em alguns sítios passar de lado e encolher a barriga, papéis espalhados por todos os lados, eu sei lá!... — Isso é verdade, — respondeu o outro — mas onde se há-de meter os papéis? Eu há bocado precisei de deitar fora um pacote de cigarros vazio e por mais que procurasse não consegui encontrar um recipiente de papéis e acabei por jogá-lo para o chão».

— Essa dos papéis também é pior que o nosso chichi.

— Bem amigo vou andando que ainda não agarrei nenhum osso.

— Antes das amplas liberdades, não precisava de levantar-me cedo, porque tinha quem me desse a comida num prato. Depois deram-me tanta liberdade que não me quiseram mais lá em casa. Belos tempos!...

— Adeus que se faz tarde e daqui a pouco não se pode andar nas ruas, com tantas veículos a quererem atropelar-nos.

Daqui deduzi, que há cães mais e recipientes de papéis a menos na nossa vila; anormalmente bem podiam ser evitadas para o reparo dos turistas e o bom nome de Loulé.

Hamburgo, 20 de Novembro de 1978.

Henrique J. Mealha

111 RECEITAS COM OVOS

Quem disse que os ovos só servem para fritar ou para gemadas?

Etelvina Lopes de Almeida prova, neste livro, que há, pelo menos, 111 formas de utilizar os ovos em culinária.

Ovos de Páscoa, cogumelos com ovos, ovos recheados no forno, beijinhos de ovos, ovos moles, pudim de ovos, ovos mexidos com pão frito, ovos moldados, miolos com ovos, fios de ovos...

Quantos e quantos pratos se podem cozinhar com ovos!

Ao longo das 111 RECEITAS COM OVOS, o leitor, em salgados e doces, vai ter muito por onde escolher, desde a simples receita de emergência para quando surge um «pendura» inesperado até ao acepipe feito com tempo para o gastrónomo mais exigente. O leitor está certamente longe de imaginar todas as coisas boas que se podem preparar utilizando ovos.

Haverá certamente mais receitas, mas as incluídas em 111 RECEITAS COM OVOS constituem uma boa escolha. Aliás, a autora, Etelvina Lopes de Almeida, é um nome que é uma garantia de qualidade e bom gosto. A prová-lo o seu ABC da Culinária, que já vai em 26 000 exemplares vendidos.

Com a edição deste livro, Publicações Europa-América inicia uma nova colecção — «ARTE DE VIVER».

111 Receitas com Ovos é um bom presente de Natal, que até nem é caro: 150\$00.

Autora: Etelvina Lopes de Almeida.

Publicações Europa-América.

Direcção Regional de Agricultura do Algarve

SERVIÇOS DE AVISOS DO ALGARVE

A — PEDRADO DA NESPEREIRA OU NÓDOA DA NESPERA

Esta doença, que é causada por um fungo, manifesta-se na página superior das folhas, aparecendo uma mancha escura. Os frutos ficam manchados de escuro e racham. Na maioria dos casos perde-se a produção total da árvore.

O ataque manifesta-se no início do Outono e prolonga-se até à Primavera. A doença propaga-se através de esporos ou de micélio hibernante, que ficaram depositados desde o ano anterior nos ramos, folhas e nos gomos ou botões.

Alertamos os srs. Agricultores para a necessidade de procederem, a um Tratamento Preventivo contra o Pedrado logo após a queda da flor, utilizando um fungicida à base de uma das seguintes substâncias activas:

DODINA
MANEBE
MANEBE + OXICLORETO DE COBRE & ZINEBE
N — (TRICLOMETILTIO) — FTALIMIDA
NIRIT

B — MILDIOU OU AGUADO DOS CITRINOS

Esta doença manifesta-se na generalidade até cerca de 1,5 me-

tros acima do solo sendo os frutos mais atacados os que se situam nessa zona da árvore.

Os frutos como é do conhecimento dos srs. citricultores apresentam manchas de cor castanha e têm cheiro característico.

Dado que as condições meteorológicas são neste momento propícias ao aparecimento desta doença, aconselhamos novo tratamento preventivo, utilizando-se um fungicida que contenha uma das seguintes substâncias activas.

OXICLORETO DE COBRE
OXICLORETO DE COBRE + ZINEBE
MANEBE + OXICLORETO DE COBRE + ZINEBE
ÓXIDO CUPROSO
SULFATO DE COBRE
SULFATO DE COBRE + ZINEBE.

APARTAMENTOS

VENDEM-SE

C/ 2 e 3 assoalhadas.
Em acabamentos, situados na Rua Frei Joaquim de Loulé, 45 — Loulé.

Trata no próprio local.

(4-4)

NECESSITA TIRAR FOTOCÓPIAS

DE CERTIDÕES, BILHETES DE IDENTIDADE, LIVROS, ETC., ETC.?

DIRIJA-SE AO

QUIOSQUE «ELE E ELA» (frente ao Correio) —

LOULÉ

Assembleia Municipal de Loulé

(continuação da pág. 1)
deste Grupo, entende o Partido Socialista dever declarar publicamente o seu repúdio por semelhante moção, que comete grave injustiça para com a generalidade, senão totalidade dos que trabalham naquele Gabinete, os quais, com exemplar espírito de sacrifício e total devoção pela defesa do interesse dos municípios, com o seu trabalho, permanente e de todas as horas, têm conseguido superar as precárias condições objectivas e técnicas de que dispõem para exercer as funções que lhe estão cometidas, obtendo maioria considerável dos respectivos serviços, com gratidão e apreço dos beneficiários, na maior parte dos casos as populações desamparadas das zonas rurais.

Por ser da mais elementar justiça reconhecer o que foi dito, pois à falta de compensações materiais não deve a autarquia recusar o estímulo moral a quem o mereça.

Loulé, 21 de Dezembro de 1978.
O Grupo de Representantes do P. S. na Assembleia Municipal

N. D. — O leitor desprevenido que leia este comunicado e que ignore a verdadeira razão do fundo do problema em causa, fará uma ideia errada acerca de que se tem passado na Assembleia Municipal de Loulé.

Portanto, como órgão de informação que somos, entendemos que certos pontos devem ser devidamente aclarados, dado que desejamos dispor da liberdade de imprensa que nos está sendo proporcionada e que consideramos como uma das mais válidas conquistas do 25 de Abril.

Assim sendo, queremos manifestar não apenas a nossa estranheza pela falta ocasional (?) de grande parte dos membros do PS a uma reunião em que antecipadamente se sabia que este melindroso assunto seria votado, mas principalmente pelo voto de repúdio a uma moção que é consequência dum inquérito promovido por uma Comissão da qual fazem parte 2 representantes do P.S. de entre 5 elementos.

Chega-se, assim, à paradoxal situação do P. S. se criticar a si mesmo, dado que aqueles 2 elementos foram naturalmente escolhidos pelo respectivo grupo.

Não nos compete dizer se é justo ou não a moção de desconfiança, até porque há quem diga que deveria ser apenas uma moção de censura, só que este comunicado não nos parece oportuno depois que a referida Comissão assinalou erros graves, que aliás foram aceites, na totalidade, pelos componentes do Gabinete Técnico.

Foi ainda esclarecido que muitas das deficiências apontadas são o resultado de algumas tarefas serem executadas em «parte-tíme» e portanto sem total devoção pela defesa dos interesses dos municípios e num trabalho que não é permanente nem de todas as horas.

Como, praticamente nunca somos informados das obras realizadas em benefício das desemp-

radas populações das zonas rurais, folgamos muito em saber agora que o trabalho de Gabinete Técnico merece a gratidão e o apreço dessa população... com excepção, talvez, da do Ameixial onde se contam histórias incríveis acerca do destino de 5 500 contos que, segundo se diz, o GAPA «enterrou» naquela aldeia, mas cujos resultados práticos ninguém viu ainda.

E como o Ameixial se inclui no concelho de Loulé talvez o Gabinete Técnico da Câmara possa esclarecer acerca deste melindroso problema.

Aliás, consta-nos que vai ser feito um inquérito para se saber quase toda a verdade acerca do que se diz.

Resta-nos acrescentar que não nos move a mais ténue ponta de má vontade contra os elementos do Gabinete Técnico, os quais continuam a merecer a nossa consideração.

No entanto, nós entendemos que é missão da imprensa agitar problemas de interesse para as populações e apontar erros tão flagrantes que ressaltam à vista de qualquer cidadão que não seja técnico de urbanização e que, por isso mesmo, não pode aceitar (sem protestar) que haja técnicos a permitir erros tão flagrantes como os que desde há tantos anos se verificam em Quarteira e que, afinal, continuam e perante o passo geral.

Foi por isso que há meses perguntámos neste jornal se os erros de Quarteira tinham origem na incompetência dos técnicos ou na sua falta de visão.

Responde-se agora que a origem dos erros está na carência de meios humanos para atender a tantos e tão complexos problemas de um concelho com o desenvolvimento do de Loulé.

Aceitamos que mesquinhos interesses pessoais ludibriem as leis vigentes e que a fiscalização não possa actuar sempre com a efi-

cácia que se impõe, mas ninguém de bom senso pode aceitar com bons olhos os malabarismos que deram origem àquela rua junto ao Hotel Toca do Coelho e que teimosa e injustificadamente se cometa agora o novo e inaceitável erro de se permitir uma nova e monumental construção sobre a via pública, estreitando ainda mais uma passagem que já era pequena.

A Câmara Municipal de Loulé devia explicar à população se aquela obra está ou não sendo feita com conhecimento do seu Gabinete Técnico.

Naturalmente que estes comentários não vão agradar a certas pessoas, mas nós entendemos que já é tempo de dizer bem alto: basta de asneiras em Quarteira, muito embora este grito de alerta nos prejudique pessoalmente e também os nossos próprios interesses profissionais.

Há quem diga que, o que é preciso é construir porque... depois de pronto, já ninguém tem forças para deitar abaixo.

Ora isto não pode continuar a ser assim. Era no tempo da outra senhora. Agora estamos (ou sonhamos estar) em Democracia.

ALFARROBA ALGARVIA PARA A GRÃ-BRETANHA

(continuação da pág. 1)
António, esperando-se que outro carregamento similar venha a observar-se dentro em breve.

A manobra do navio decorreu normalmente, provando ainda as condições de operacionalidade daquele porto, que carece entretanto de obras de dimensionamento.

AMENDOEIRA - QUERENÇA



MARIA FRANCISCA MADEIRA

Sua filha e genro vêm por esta forma tornar público o seu mais vivo reconhecimento a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar ou acompanharam a saudosa extinta à sua última morada.

AO DIVINO ESPÍRITO

Agradeço de todo o coração as graças recebidas.
M. Lores Pintassilgo
(1-1)

PROPRIEDADE

Vende-se uma propriedade com amendoeiras, alfarrobeiras, figueiras e boa terra de semear. Próximo da vila.
Trata na Rua Condestável D. Nuno Álvares Pereira, 3 — LOULÉ.
(3-2)

Não há desemprego agrícola no Alentejo

(continuação da pág. 1)
PS, por razões óbvias de descapitalização e colectivização e algumas franjas de informação. Penso que se deveriam sujeitar também à lei e procurar como os outros o seu emprego. Não há em Portugal emprego compulsivo e também não deve haver emprego de «vadios».

É muito difícil hoje encontrar algum trabalhador agrícola para trabalhador permanente e mesmo quase impossível encontrá-los para guardadores de gado, guardas de montes, etc.

O trabalhador com o golpe de Estado do 25 de Abril perdeu a vontade de trabalhar e o respeito, só desejando ofícios limpos e pouco presos ao trabalho e deseja nada fazer.

Esta falta de mão-de-obra agrícola que existe e é preocupante e motivada pela exorbitância de mão-de-obra empregue nas UCP's — Administração ruinosa que nós somos obrigados a pagar, tais os prejuízos directos e indirectos (levando a mão-de-obra à iniciativa privada) e pelas Câmaras Municipais chefiadas por comunistas e socialistas em concorrência desleal aberta à favela privada que querem destruir.

Qualquer Câmara emprega em obras 50 a 100 homens, a título de crise de emprego que não existe, sem nada fazer, como acontece nas UCP's onde auferem direitos salariais maiores que nas actividades privadas, nada fazendo e onde se assilam, recusando-se a voltar às empresas privadas que os precisam. É certo que das UCP's comunistas eles querem sair dada a grande desigualdade de tratamento e exploração a que os novos latifundiários os sujeitam, mas para profissões per-

manentes mas não presas, isto é, não guardadores de gado, não guardas, mas apenas 8 horas de trabalho e voltar a casa e com transporte. É incrível a soberba, a exigência que esta gente adquiriu! Como se poderá falar da crise que todos estamos a pagar se se tem que adular se se quer um.

Mas das Câmaras onde se assilam não querem sair, pois ao longo das estradas o panorama é agradável e o trabalho não pesa, rapando uma erva, em tarefas inimagináveis, nada produtivas.

A acrescentar a isto — ao que vai sofrendo este pobre País — temos os casos de baixas frequentíssimas que os médicos comunistas e socialistas dão aos seus correligionários e o subsídio de desemprego que se dá sem escrúpulos e sem fiscalização, o que atinge as raízes do escândalo.

Assim admira-me como se mantém salários e empregos a quem nada produz e nada quer produzir, se mantém pessoas à margem da lei à custa de quem trabalha e se mantém um sector produtivo sem produzir por falta de mão-de-obra e uma exigua mão-de-obra que se diz activa cheia de vícios, de reivindicações e sem produtividade e qualidade no pouco que fazem?

Façam um inquérito e verão que é verdade que todo o Povo brada e se revolta por tal situação.

Basta.

Entregam-se as reservas, o agricultor escolhe o seu pessoal e o outro poderá quando muito receber, nos termos da lei, o subsídio de desemprego no prazo também da lei, o qual nem chegará a receber se ele quiser trabalhar, pois que qualquer empresário privado o chamará. Mas se fôr dos que não querem trabalhar, receberá o subsídio enquanto a ele tiver direito e depois — depois terá como as demais pessoas de se sujeitar à lei da oferta e da procura de trabalho.

Se eu tirar um curso de engenharia, garantem-me imediatamente lugar?

Porquê uma lei diferente para comunistas agrícolas do resto da população deste País?

Esperemos que se acabe com este escândalo!

João Castel Branco
(De «O Tempo»)

PRECISA-SE

Habitação para casal em Quarteira, Almansil, Loulé, ou arredores. Contactar com Amílcar Lagartinho, no Banco Consecas & Burnay em Quarteira.
(3-1)

COURELA

VENDE-SE

Com 10 000 m2, no sítio de Olho de Água — Loulé. Informa Joaquim Paulino Sousa — Rua Frei Joaquim de Loulé, 24 — LOULÉ.
(2-1)

ARMAZÉM

Vende-se com chave na mão, no centro da vila, com área 80/90 m2 — Telefone 62515 — LOULÉ.
(5-1)

VENDE-SE

Apartamento c/ 112 m2 de área coberta, c/ 4 assoalhadas, sítio na Expansão Sul — Loulé.
Trata Joaquim Brazão Guerreiro, Solicitador — Telf. 62689 — LOULÉ.
(3-1)

PROPRIEDADE

VENDE-SE

Com 86 000 m2 e árvores de fruto, situada na Campina de Baixo. Informa José Martins Antão — Patã de Baixo — BOLIQUIME — Telef. 66371.

COMPRA-SE

FURGONETA

Tipo misto em bom estado, a gasóleo. Informa Telef. 62967 — LOULÉ.
(3-1)

LABORATÓRIO

DE PRÓTESE DENTÁRIA

De — José Manuel Machado da Silva. Praça da República, 15-2.º — LOULÉ.
(2-1)

VAI A LISBOA?

Hospede-se no HOTEL LIS, de 2 estrelas.

Situado na Avenida da Liberdade, 180.

Telefs. 537771 e 563434.

Quartos com aquecimento, banho, telefone e com baixos preços.
(8-8)

CARIMBOS

Executam-se na GRÁFICA LOULETANA Rua Marechal Gomes da Costa Telef. 62536 — LOULÉ

CHARNECA MONTE SECO

LOULÉ



MARIA MELO JACINTO

AGRADECIMENTO

Seu esposo, filhos e restante família, a fim de evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas das pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vêm tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde da saudosa extinta durante a doença que ia vitimou e bem assim a todos aqueles que a acompanharam à sua última morada.

Quarteira sede de Concelho?

Promoção que não se pretende

(continuação da pág. 1)

burocracia ou desleixo, que apenas servem para aumentar o descontentamento dos quarteirenses? Afé, sim, é possível que a demora provoque outra explosão nos anseios da população, tal como agora aconteceu.

É do conhecimento público, que a freguesia de Quarteira, paga mais 7 mil contos em contribuição predial, do que o resto do concelho, acrescidos de quase 3 dezenas de milhares de contos de contribuição pelo arrendamento de casas a banhistas e cerca de 30 mil contos mais, nas novas contribuições de imóveis novos, referentes a 1978.

Rendimentos que naturalmente duplicarão os restantes pagos no resto do concelho.

Mas será isto e outros casos mais que poderíamos apontar, razão para exigir que Quarteira seja promovida a sede de concelho? Pertencemos ao grupo dos que tudo estão dispostos a fazer para a promoção de Quarteira a Vila, mas tudo faremos para evitar as ambições desmedidas ou a sua passagem a sede de concelho.

A não ser por razões que o futuro justificará, o nosso NÃO com letras maiúsculas perdurará por muitos anos. Contudo, impõe-se um esclarecimento pessoal, que sem dúvida se deverá aproximar das exigências lógicas de quantos habitam nesta progressiva e prometedora Quarteira. Uma resposta por parte dos responsáveis, ao seu crescimento, tanto no que diz respeito a melhoramentos como a serviços.

Assim, a sua passagem a Vila exigiria uma secção de serviços administrativos onde a maioria dos

assuntos Camarários pudessem ser tratados. Uma mini-descentralização do poder local no sentido de facilitar as populações, deslocando da sede do concelho, apenas um pequeno número de funcionários, que em nada deveria alterar os gastos Municipais. Os inconvenientes de ser concelho, com instalações que pagariam de renda mensal, mais de 50 contos, Presidente, Secretário, Tesoureiro, 40 contos? Outros funcionários indispensáveis e outras despesas mais 100 contos?

Estamos em crer que 3 milha-

res de contos em cada ano, seriam insuficientes para cobrir as despesas locais, o que por si só, seria suficiente para absorver os seus rendimentos. Isto sem ter em conta, o desaire provocado no resto do concelho, ao empurrar Loulé para condições de terceira classe. Portanto, que seja dado a Quarteira o que é justo, para que um amanhã não muito distante, não transforme o sentido da razão, em polémicas exigências descabidas ou desastrosas.

M. FARIA

Novos quarteis de Bombeiros Algarvios

(continuação da pág. 1)
corresponder às exigências funcionais da corporação.

Quanto ao novo quartel dos Bombeiros Voluntários de São Bartolomeu de Messines, o imóvel, cujo projecto se encontra em fase adiantada, erguer-se-á num terreno oferecido, localizado à entrada da vila.

A área a ocupar, que mede 500

metros quadrados, comportará parque para viaturas, salas para comando e direcção, oficinas, camarata, sala de convívio, secretaria, posto médico, casa - escola, posto de rádio etc..

De assinalar a capacidade empreendedora dos «soldados da paz» de Messines, que porfiam em acertar o passo com as crescentes exigências actuais.

Brigadeiro Luís Teixeira Fernandes

(continuação da pág. 1)

rito, facto que nos apraz registar com muita satisfação e deve ser motivo de júbilo para os nossos

conterrâneos, pois julgamos que, pela primeira vez, um louletano atinge tão elevada posição na hierarquia militar.

Para o sr. Brigadeiro Luís Fernandes vão, pois, os nossos parabéns, com votos de que a sua capacidade continue a merecer nossos triunfos.

O sr. Brigadeiro Luís Fernandes, que passou as férias de Natal em Faro, na companhia de sua esposa, sr.^a D. Stela Alves Fernandes, esteve em Loulé de visita aos seus familiares e deu-nos o prazer da sua visita.

Subsídios aos agricultores pela intempéries de Fevereiro de 1978

(continuação da pág. 1)

tam, uma quantia aproximada de 14 mil contos.

Para a entrega destes subsídios, o Ministério das Finanças e do Plano fixou percentagens de liquidação graduais de 20, 30 e 50 por cento.

J. C. VIEGAS

ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA

(continuação da pág. 1)
como tema nuclear as suas atenções.

Intenta, assim, promover ao nível internacional programas de mentalização e consciencialização em prol da Criança; jornadas e cruzadas conducentes a mitigar-lhe as agruras e as misérias que na qualidade de vítima inocente e indefesa ela padece tantas vezes; campanhas de divulgação e aplicação dos princípios da Declaração Universal dos Direitos das Crianças; iniciativas, que tenham como objecto, em suma, a protecção e dignificação da Criança de qualquer latitude.

Portugal, aderiu à deliberação da ONU e não se ficou apenas na atitude aprovativa do formalismo.

Criou, para lhe conceder a nível interno o dinamismo que merece, uma Comissão Nacional (por despacho de 15 de Dezembro do Diário da República).

Pois não faltará que fazer a esta Comissão Nacional, cuja continuidade não deveria ser de cariz transitório e efémero.

A Criança é um rebento carecido de perenes desvelos, cada vez mais pendente da esclarecida assistência dos adultos, porquanto mais exigente e competitivo se vai tornando o mundo em que vivemos.

A formação, a educação e o desenvolvimento da Criança está sob a responsabilidade dos seus mais directos familiares e obviamente da sociedade.

São, porém, como nós sabe-

mos as condições de vivência dos núcleos familiares, cujos tempos são absorvidos na luta diária da subsistência, um dos óbices observados entre nós para não falar noutros, os mais comumente lesivos, em termos psicológicos e pedagógicos, a Criança Portuguesa.

Uma grande tarefa espera realmente a Comissão Nacional, que para justificar inteiramente as vistas largas sob os auspícios das quais foi criada, terá de levantar perante o consenso geral, que somos todos nós, problemas sérios de índole económica, social e ética que incidem na mais frágil e cativante criatura, depositária de um futuro que se pretende seja melhor — a Criança.

FOLHETIM «AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE» Pelo Dr. Ataíde Oliveira

Estava límpida a atmosfera e a lua percorria o horizonte no seu trono de marfim.

O carpinteiro sentou-se ao lado da fonte e esperou que desse a meia noite. Logo que deu a hora marcada, tirou dos alforjes um pão, lançou-o dentro da fonte, e disse em voz alta:

— Zara!

Ergueu-se imediatamente do fundo da fonte um globo de espuma, tomando a forma de um véu branco de rainha em dia de núpcias, subiu, subiu, e desapareceu com a velocidade de um relâmpago.

— Lídia! exclamou o carpinteiro no mesmo tom de voz, lançando o pão à fonte.

Repetiu-se o mesmo fenómeno.

— Cassima! disse no mesmo tom e pela mesma forma.

Soou um grito, repassado de dor, e as águas permaneceram quietas.

— Cassima! repetiu o artista, num tom de voz forte e enérgico.

Então as águas da fonte marulharam estrepitosamente entre uns queixumes de pessoa aflita, e quase ao mesmo tempo viu o carpinteiro segura pelas duas mãos ao gargalo da fonte, uma formosíssima mulher.

— O que significa isto? perguntou o carpinteiro atemorizado.

— Significa que estou condenada a passar séculos e séculos nesta fonte, respondeu a moura soluçando.

— E de quem é a culpa?

— De tua mulher, que me cortou de um golpe a perna direita.

— Minha mulher... naturalmente não teve a consciência do mal que fez.

— Nem a culpa. Os fados foram-me adversos. Foi tua mulher o instrumento de que se serviram contra mim. Se tua mulher não fosse curiosa ou ciosa...

— E todavia está inocente, apressou-se o marido...

— Bem sei. Não lhe quero mal. Eu sei que dentro de dias ela há-de sofrer as dores da maternidade, e para te provar que não lhe quero mal, ofereço-te este cinto com o qual a cingirás no momento das dores.

E segurando-se com uma das mãos aos bordos da fonte, com a outra ofereceu ao carpinteiro um riquíssimo cinto bordado a ouro e coberto de pedras preciosas.

O carpinteiro aceitou a valiosa oferta, e a infeliz Cassima des-

ceu ao fundo da fonte, dando dois angustiosos gemidos que até cortavam os mais duros corações.

Ficou o carpinteiro extremamente penalizado com a triste sorte da filha mais nova do governador, mas nem por isso deixou perder a ocasião de experimentar o brilhante efeito que a lua produziria reflectindo os seus raios nas pedras preciosas do cinto. Aproximou-se, pois, do tronco secular de uma carvalheira gigantesca, cingiu-o com o cinto, indo postar-se a certa distância para melhor observar os efeitos da reflexão.

Fenómeno espantoso! Apenas acabou de cingir o tronco, ouviu-se como um grande ronco saído das entranhas da terra, e a árvore, arremessada ao ar com todas as raízes e ramos, subiu, subiu, até desaparecer para sempre.

O carpinteiro fez o sinal da cruz e dirigiu-se de corrida para casa.

Esperou o carpinteiro durante muitas semanas a retribuição que lhe fora prometida pelo pai das mouras; debalde porém.

Passados alguns meses seguia o carpinteiro o largo da praça, em uma tarde de chuva, viu no alto, em frente do actual prédio da Câmara, uma mulher encostada à porta, do lado esquerdo, que lhe acenava. Não a conheceu, e aproximou-se-lhe, saltando a valeta que ia cheia de água. Imediatamente sentiu-se arremessado ao ar, como se fora arrastado num tufão, e foi cair, sem perigo, na praça de Tanger. Julgou-se perdido quando se viu agarrado por diversos mouros que o conheciam e o levaram à presença do velho governador.

Só então o carpinteiro se recordou das feições de Cassima e conheceu ser ela que lhe acenara na praça!

O velho governador, logo que viu o carpinteiro, empalideceu horrorosamente! Despediu os mouros e ficou só com o artista.

— O que fizeste da minha querida Cassima, infeliz?

— Não fui culpado, senhor! respondeu o carpinteiro.

— Bem sei, bem sei! Os fados foram-lhe contrários. Tinha de ser, tudo estava escrito. Zara e Lídia casadas, e na opulência, ao passo que a minha pobre Cassima passará eternamente os seus dias dentro dos apertados âmbitos duma fonte! Felizmente, ainda assim, não se encontra lá só.

Esta resposta esclareceu um ponto em que o carpinteiro andava intrigado. Ele sabia perfeitamente que só Cassima ficara encan-

PEDAÇOS DE VIDA

texto e presença de JOSÉ MANUEL MENDES

ESTA PIRÂMIDE DA HIPOCRISIA

Volto hoje à carga. Não me calarei, enquanto o sabor azedo da desgraça que priva dentro do nosso mundo, me manchar e apertar a garganta. Enquanto a visão quotidiana de seres humanos pela origem, privarem com os cães e os gatos, no chafurdar dos caixotes de lixo da nossa cidade, ali, espalhados no beco claro dos nossos olhos, na luz da madrugada ou no espontâneo de um dia que nasce tarde para os apressados, um dia lazarento para os homens da bariga farta, mais um dia apenas, de ossos e de espinhas para os animais da fome.

O curioso patético da questão, é a razão inversa da atenção que a nossa sociedade presta à infelicidade. Quanto maior é a crise que nos aperta, quanto maiores são as dificuldades de existir minimamente como homem, maior é o fosso que se cava entre aqueles que têm o seu lugar garantido na 1.ª classe do comboio da vida, e aqueles que ficaram em terra, inapelavelmente, no apeadeiro da miséria, parte esquecida do mundo, ali bem dentro do outro mundo, irrepreensivelmente paralelos, sem um rasto de comunicação directa, de dar a mão, de ajudar no galgar da escadaria social.

Dir-se-ia mesmo, que a competição assentou arraiais entre nós, como nunca o fizera. Trata-se, nas devidas dimensões, de uma luta de vida ou de morte, no disputar de postos de trabalho, de postos de prestígio, de postos de poder. Quem vencer, fica, quem perder, tão cedo não volta a dispor de outra oportunidade. Cai irremediavelmente no desemprego, na desgraça familiar, na miséria, em suma. Trata-se de um preço bastante elevado.

Falámos há pouco, no fosso que tende a alargar-se cada vez mais entre os instalados sociais, e os marginalizados.

Quem quiser tirar a prova, pode, a título de exemplo, passar pelo menos uma vez pela Feira da Desgraça, nas Catacumbas do Metropolitano de Lisboa. E ver toda aquela amostragem de cegos, de cantores, de músicos, de estropeados físicos e mentais, de vendedores de pensos rápidos, de vendedores de pilhas, de vendedores de pornografia, tudo se

vende ali, tudo tem a sua caixa de esmolas pendurada ao pescoço, e a mão esquecida, suspensa no ar, rotinada na lengalenga da desgraça, que quase sai roufenha e inerte daqueles lábios ressequidos.

E é ver, sobretudo, a pressa com que as pessoas passam, e a intenção de olhar sempre em frente, ou para o lado contrário daquele íman, que decerto terá começado por chocá-las, mas a que depressa se habituaram, trancando o espírito naqueles passos breves até o Metropolitano chegar, como quem tapa o nariz até passar um cheiro nauseabundo.

Chegámos pois, àquilo que consideramos um dos males piores da nossa sociedade: a habitação. Frase crucial, situada na li-

nha média entre a rejeição inicial e a aceitação do facto consumado, a habitação injecta-nos a morfina com que nos inebriamos, com que nos despimos de toda e qualquer capacidade de resistência activa e de protesto contra a injustiça, contra a prepotência, e contra o totalitarismo social. É a habitação, com quem nos conduz de olhos vendados em direcção ao abismo de um mundo de máquinas e de interesses, mesquinhos no essencial, magnânimos na aparência, e nos afasta cada vez mais da solidariedade humana, que nesta hora difícil que todos atravessamos, deveria prevalecer entre todos nós, superando as divisões, afastando os ódios, alcançando, pelo menos, a satisfação de haver tentado.



Festa de despedida

No Restaurante Rotunda, em Vale do Lobo, realizou-se no passado dia 22 de Dezembro uma animada festa de despedida e homenagem ao sr. Jhon Horace Margetts, que exerceu as funções de liquidatário da Empresa Turística Vale do Lobo do Algarve, Limitada, desde 14 de Fevereiro de 1975 até 31 de Março de 1978, passando desde esta data a exercer funções de Administrador da mesma Empresa, funções que cessou agora.

Durante a recepção, oferecida pelo Presidente do Conselho de Administração, sr. Sander van Gelder, e a que estiveram presentes os Gerentes da Empresa, proprietários de casas em Vale do Lobo, clientes da Empresa e outras entidades, foram recordados os elevados serviços prestados com competência e zelo pelo sr. Jhon Margetts no sentido de salvar a Empresa em liquidação e dar-lhe nova vida e projecção. O sr. San-

der van Gelder agradeceu em nome de toda a Administração o grande apoio proporcionado pela acção do sr. Jhon Margetts. A Comissão de Trabalhadores da Empresa ofertou ao sr. Margetts um quadro com as assinaturas de todos os empregados da Empresa e em breves palavras agradeceu a acção do sr. Margetts no sentido de encontrar solução, para as grandes dificuldades que houve que vencer.

Foi mencionado o facto de a Empresa se encontrar agora na busca de um novo caminho proporcionando já trabalho a cerca de 600 trabalhadores e estando em vias de alcançar a estabilidade e projecção a que tem jus.

Em simples e comovidas palavras o sr. Margetts agradeceu a homenagem que lhe foi dedicada, após o que se realizou um divertido baile e um jantar no referido Restaurante, em ambiente de franca alegria.

Festas natalícias de confraternização

(continuação da pág. 2)

felicidade de cada um dos seus membros.

Participaram nestes aprazíveis e bem humorados festejos Natalícios, os numerosos clientes estrangeiros, cujo espírito jovial e brincalhão sempre se evidencia nos divertimentos que lhes são proporcionados.

Loulé possui na moderna e bem equipada fábrica de cerveja que inicialmente se chamava «Imperial» e que passou a chamar-se «Unicer» depois de ter sido nacionalizada (mesmo antes de estar concluída).

Uma unidade industrial com cerca de 800 trabalhadores não podia ter escapado à rebeldia provocada por uma esquerda folclórica que surgiu logo após o 25 de Abril, e que foi firme e levianamente mentalizada de que «era preciso afundar as empresas para tomarmos o Poder».

Por isso a «Unicer» atravessou uma gravíssima crise de que não está ainda recomposta, mas constata-nos que a situação está a normalizar-se.

E a provar isto está patente o facto de nos dias 16, 17 e 18 de Dezembro se terem ali festejado alegremente as festas de Natal, com um espírito de confraternização e aparente sã amizade que parecia não voltar a ser possível entre colegas de trabalho que chegaram a odiar-se só porque... não eram de determinado partido.

Depois de tantas e tão duras lutas não se pode esperar mais nem melhor espírito de colaboração do que aquele que foi exteriorizado durante os 3 dias festivos que foram de verdadeira confraternização entre trabalhadores e suas famílias, com clara incidência para os respectivos filhos, a quem foram proporcionados os melhores momentos de alegria e felicidade.

E que melhor felicidade se poderá proporcionar às crianças de que divertidos bailes, alegres canções, típicos bailados, cantares regionais, apetitoso lanche, deliciosos doces e belos brinquedos? Pode dizer-se que foi uma festa em beleza, onde a hilaridade infantil se aliou ao ambiente de boa harmonia reinante entre todos os participantes.

E o convívio chegou à intimidade de ter sido facultada aos familiares dos trabalhadores uma visita à fábrica, para melhor se aperceberem de como se processa o sistema de trabalho de uma organização e cuja prosperidade a todos interessa.

Além desta parte social houve também a parte desportiva, que também não acompanhámos mas que sabemos ter constado de atletismo para homens, senhoras, rapazes, meninas e crianças e futebol entre solteiros e casados e

infantil (todos contra todos).

Participaram nesta festa o conjunto musical «Os Zingar's», o Rancho Infantil de Loulé e o Grupo de Variedades «Laurus est».

Folgamos muito em que tudo isto tenha sido possível acontecer na fábrica de cerveja «Unicer», pois é claro indício duma melhoria de relações humanas altamente benéfica para cada um em particular e para todos em geral porque é sintoma de que se vai, finalmente, normalizando a vida social, económica, e política deste País.

Está de parabéns a administração da «Unicer» pelo que fez para que esta festa fosse possível e estão igualmente de parabéns todos os que colaboraram e foram, também, os mais directos beneficiários da feliz e louvável ocorrência na época do ano mais propício à confraternização e amizade entre as pessoas.

Naturalmente que só nos referimos a estas festas porque não tivemos conhecimento de outras que se tivessem realizado, mas que certamente tiveram lugar noutras empresas, pois as informações nem sempre nos chegam com a desejável frequência.

● FESTA DE NATAL DOS TRABALHADORES DA C. R. T. A.

No Hotel Eva, em Faro, decorreu em ambiente de grande confraternização a festa de Natal dos trabalhadores e seus familiares da Comissão Regional de Turismo do Algarve.

Foi um ensejo para horas de ameno convívio entre quantos trabalhando para o turismo algarvio se encontram dispersos ao longo da província.

Presentes o presidente da Comissão Administrativa, Cabrita Neto, bem como os vogais Walter Lampreia e Carlos Alberto.

Ao saudar os presentes o presidente do Órgão regional de Turismo, referiu-se ao significado da quadra, formulou votos de uma efectiva amizade entre todos, agradeceu a colaboração recebida ao longo do ano, salientando a acção desenvolvida por um reduzido quadro e formulou votos de que em 1979 aconteça, finalmente, a reestruturação da CRTA, não só como o exige de há muito o interesse do País, mas para que também os trabalhadores conheçam uma justa situação profissional.

Foram entregues lembranças aos filhos do pessoal.

A parte recreativa foi preenchida com a actuação do conhecido artista algarvio Prof. Herrero.

Momentos de confraternização amena proporcionou esta festa natalícia da Comissão Regional de Turismo do Algarve.

II Encontro de Escritores Algarvios terá lugar em Quarteira

Quarteira, que é considerada uma estância de veraneio por excelência, vai servir de palco ao II Encontro de Escritores Algarvios, promovido pelo Grupo de Estudos Algarvios.

No programa esboçado estão compreendidas, paralelamente às sessões de debate e análise de temas afectos ao mister de escritor, manifestações de carácter cultural.

FALECIMENTO

Faleceu na Venezuela, no passado dia 1 de Dezembro, a nossa conterrânea sr.ª D. Firmina Coelho Dionísio, filha da sr.ª D. Alexandrina das Dores Coelho, que contava 49 anos de idade e deixou viúvo o nosso conterrâneo e dedicado assinante na Venezuela sr. Manuel Eusébio Dionísio.

A saudosa extinta era mãe do sr. Sérgio Manuel Coelho Dionísio e irmã da sr.ª D. Maria das Dores Coelho, casada com o sr. Inácio Guerreiro de Sousa.

A família enlutada apresenta-mos sentidas condolências.



3º cross internacional das amendoieiras em flor

COMISSÃO REGIONAL DE TURISMO DO ALGARVE
DIRECÇÃO GERAL DO TURISMO
FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE ATLETISMO
ASSOCIAÇÃO DE ATLETISMO DE FARO

VILAMOURA
Algarve · Portugal

21 de janeiro de 1979

«FÉRIAS REPARTIDAS» PARA OS PORTUGUESES

A atracção e o fascínio que o Algarve exerce durante o período estival são traduzidos pela maciça incidência turística, que na «época alta» (é esta a designação agora em voga) averba, passe o pleunismo, enorme convergência de população flutuante.

Não decorre esse surto turístico de improviso, sem um planeamento preliminar, já que os operadores estrangeiros cientes das inclinações e preferências dos seus clientes, asseguram antecipadamente a reserva hoteleira, a preços proibitivos para os portugueses.

Sucede assim que as férias no Algarve, durante os meses de Julho a Setembro são incomportáveis para o turista nacional, que evidentemente não possui capacidade económica para competir com o turista estrangeiro.

Entra aqui, como aliás não poderia deixar de ser, a lei comercial da oferta e da procura, que redundando, no final de contas, em proveito da nossa balança de divisas, como se sabe fortemente deficitária e por isso ávida dos ren-

dimentos turísticos, dos quais cobra avultadas achegas.

Quere dizer, que face a estas circunstâncias o turista nacional é relegado na «época alta», devido precisamente ao factor económico que lhe é obviamente desfavorável.

Atendendo, contudo, ao grande favoritismo que o Algarve amealhou e continua a granjear, a Direcção-Geral do Turismo está a lançar uma campanha sob a epígrafe «Faça férias repartidas», com visos a sensibilizar os portugueses a gozarem as suas férias fora do verão ou da «época alta», isto é de Novembro a Abril) excluídas as quadras de Natal e Páscoa).

Se por um lado, no fundo da questão está a faceta económica, por outro lado a disponibilidade hoteleira na «época baixa», é-lhe particularmente afecta em virtude da reduzida procura de que é alvo.

Dá isto a entender que os preços tornam-se mais acessíveis, permitindo, se as «férias repartidas» obtiveram boa aceitação, aproveitar um período sazonal normalmente morto, por recíproca conciliação de interesses.